

CONTRATO N 2810/97
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o
país do
futebol**

**Entrevista com o poeta
Anderson Braga
Horta**

O futebol
na literatura
brasileira

Do mesmo modo que o
povo brasileiro
(mestizo, mestiço)
fundamentalmente

características do
negro, o futebol
descende da capoeira.
Envolve-se entre
malabarismos de
corpo, fintas, gingas,
rasteiras e simulações
vistosas aquecidas
pelo sangue.

O espaço mágico do
Maracanã

□ PEDRO JORGE SALVADOR

O objetivo deste artigo é mostrar que, na literatura brasileira do século XX, o jogo de futebol é uma força temática, especificamente quando atua a Seleção Brasileira de Futebol, fazendo emergir sentimentos de nação e de identidade nacional, pelo contexto de massa que provoca, constituindo-se o Maracanã num espaço mágico e signo desse contexto.

Muitos interpretam o jogo de futebol no Brasil como ópio, pão e circo do povo, alienação e manipulação do poder. Em

minha dissertação de mestrado: *Poder e racismo, ideologia de Maracanã, adeus, onze histórias de futebol*, de Edilberto Coutinho, examinei o texto literário, à luz da semiótica do acontecimento futebol, desestruturando personagens e espaço, conduzindo-os ao vazio, segundo a *Semiotização literária do discurso*.

Os onze contos que integram o livro de Edilberto Coutinho problematizam a alienação, a manipulação do poder e o racismo, num determinado momento his-

tórico do futebol no Brasil.

Em minha tese de doutorado - *O jogo mágico do Brasil no Maracanã*, delimito um *corpus* literário no percurso histórico de 1921 a 1994. Na produção literária de renomados escritores brasileiros, detectamos não só o processo evolutivo histórico do futebol no Brasil, como também, e principalmente, os sentidos de identidade de nação e de felicidade que o jogo da Seleção Brasileira de Futebol passou a significar para o povo brasileiro, como um fenômeno social importante.

Sabemos que o membro de uma nação não se vê isolado. É preciso que se veja em uma unidade maior com a qual se sente relacionado. Elias Canetti propõe que não é a língua, não são as fronteiras geográficas, não é a história que traduz essa unidade maior: é uma massa ou símbolo de massa. O membro de uma nação sempre vê a si mesmo, em rígida relação com determinado símbolo de massa que chegou a ser o mais importante para sua Nação. Nesse retorno regular, nesse emergir, quando o momento assim o exige, está a continuidade do sentimento nacional. É exatamente este o ponto a que queremos chegar. Para o povo brasileiro, o símbolo de massa que tem representado essa unidade maior a que os indivíduos se sentem relacionados é o momento de jogo de futebol da seleção brasileira, tendo-se tornado o Maracanã um espaço mágico e um signo desse contexto. A massa de torcedores brasileiros vivenciou em 1950, no Maracanã, uma tragédia, como expressou Nelson Rodrigues: "... cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950".

Por outro lado, em 1970, no México, a sacração do futebol brasileiro com a posse definitiva da taça Jules Rimet, como tricampeão mundial, moveu o poeta Carlos Drummond de



Garrincha, a alegria do povo, comemora mais um gol na Copa de 62, no Chile

Andrade a escrever "Copa do Mundo de 70". Contém o poema 97 versos, com dois subtítulos: I - Meu coração no México e II - O momento feliz, que pré-anuncia o estado anímico do eu-lírico: envolvimento emocional e inconsciente com o jogo da Seleção Brasileira após a predominância inicial de recusa consciente a esse envolvimento, e identificação com os jogadores da Seleção nesse contexto de massa, vivenciando a identidade de Nação e intensas sensações de felicidade.

*Torce, retorce e se distorce todo,
grita Brasil! com fúria e com amor*
(v. 15-16)

*membros polifônicos de um corpo
só, belo e suado.* (v. 47-48)

É goooooool na garganta florida. (v. 53)

... pelo país inteiro em festa de abraçar. (v. 62)

...jogo em Pelé o sempre rei republicano

o povo feito atleta na poesia do jogo mágico:(v. 66-68)

*De repente o Brasil ficou unido
contente de existir.* (v. 81-86)

De certo modo poderíamos afirmar que o poema "Copa do Mundo de 70" de Carlos Drummond de Andrade vale por si só toda uma literatura, tendo como tema os sentidos do jogo de fu-

“... olhava em torno, tudo era nacional! Desconfio que em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava.

... Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol! ”

“O drama futebolístico agora é uma tragédia clássica”,
“... vi velas acesas em todas as esquinas, mas muitas velas mesmo, dezenas e centenas de velas, o
que tornava a cidade do Rio de Janeiro um velório.”

tebol no Brasil. Haja vista que, mesmo sagrando-se tetracampeão mundial, em Los Angeles, em 1994, na XV Copa do Mundo, não surgiu um texto literário significativo que expressasse as vitórias do Brasil ou exaltando Romário, então considerado o melhor jogador do mundo.

No entanto, o período de implantação do futebol, tendo em Charles Miller o seu primeiro organizador, em 1894, parte de características de puro divertimento de uma classe social privilegiada, até a década de 1920. Daí por diante, começa a assumir sentido nacional, tornando-se um jogo popular e recebendo todo o apoio oficial dos poderes públicos.

Gilberto Amado, fecundo ensaísta, escreve, em 1921, uma crônica “Assunto sério”, enfocando o futebol como expressão da nacionalidade, a propósito das Olimpíadas em Antuérpia, na Bélgica. Pode ser considerado um dos primeiros textos na literatura brasileira sobre a importância e o sentido da Seleção Brasileira, em competição internacional. “Trata-se, portanto, de assunto sério, uma vez que a Nação está em jogo...” “... quanto vale hoje o esporte, como expressão de cultura, educação e saúde, de um povo...” “... para evitar que o Brasil seja coberto de ridículo.”

Ana Amélia, em 1926, em seu Livro de Poesias *Alma*, publica a primeira poesia de autoria feminina, “O salto”, com a temática do futebol, na literatura brasileira. Soneto na estética parnasiana,



Rivelino, que jogou muitas vezes pela Seleção, tinha na força do chute a sua maior característica

de certo modo preludia o que seria o futebol no Brasil, pelos temas “herói”, “massa”, “deus”.

Mário de Andrade, um dos mais geniais escritores da moderna literatura brasileira, escreve em 1939 “Brasil-Argentina”. Sempre profundamente preocupado em perscrutar e expressar a alma do povo brasileiro e a cultura nacional, assim vê o jogo da Seleção Brasileira de Futebol:

“... olhava em torno, tudo era racional! Desconfio que em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava.

... Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!

Que saltos, que corridas elásticas! Havia umas rasteiras sutis, uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos,

uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas!”

Mas foi em 1938, quando o Brasil conquista o 3º lugar na III Copa do Mundo, na França, com o artilheiro Leônidas - o Diamante Negro - e Domingos da Guia - El Divino Maestro - que o futebol brasileiro projeta internacionalmente o nome do Brasil. Gilka Machado publica “Aos heróis do futebol brasileiro”. Pela primeira vez em poesia na literatura brasileira, e de autoria feminina, está manifesto no contexto de massa o sentido profundo de Nação, provocado pelo jogo da Seleção Brasileira de Futebol.

Heróis do dia

*Há quarenta milhões de pensamentos
impulsionando os vossos movimentos*

...

Que os Leônidas e os Domingos

Fixem na retina do estrangeiro

a milagrosa realidade

Que é o homem do Brasil!

Aos vossos pés geniais

Curvam-se, reverentes,
os cérebros do Universo.

Em vossos pés heróicos

depõe um beijo

a alma do Brasil!

Foi em 1950, na IV Copa do Mundo, que o Brasil construiu o Maracanã, o maior estádio de futebol do mundo, até hoje, com capacidade para 200 mil pessoas.

Na semiótica topológica, é importante ver o espaço *Maracanã* como uma forma suscetível de erigir-se numa linguagem espacial. Assim, o significante espacial, como objeto da semiótica, permite nos uma dupla visão do espaço *Maracanã*:

a) inscrição da sociedade no espaço;

b) leitura desta sociedade através do espaço.

Temos aí, portanto, um significado cultural. O homem, para viver no mundo, sentiu a necessidade de fundá-lo, eliminando o caos, descobrindo e projetando um ponto fixo, fazendo a "criação do mundo". Tanto a experiência sagrada como a profana orientam o homem para a vivência cosmogônica. O templo ou o círculo mágico não se distinguem formalmente de um espaço para simples jogos. O sagrado e o profano constituem duas situações existenciais do homem ao longo de sua história. O Maracanã tornou-se um espaço existencial susceptível de rupturas mágicas e comunicações com o transcendente.

Ernst Cassirer nos afirma que o espaço e o tempo formam o quadro onde se insere toda a realidade. Descrever e analisar as características específicas do espaço e do tempo para a experi-



Jairzinho, o furacão da Copa de 70, no México, fez parte de um dos melhores ataques da Seleção

ência humana é uma das tarefas mais interessantes e importantes para a filosofia antropológica.

O Maracanã, em forma oval de quatro centros, uma falsa elipse e com 32 metros de altura, ergue-se como uma "mandala". E, como nos diz Carl G. Jung, toda construção, religiosa ou secular, baseada no plano de uma "mandala" é uma projeção da imagem arquetípica do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior. A cidade, a fortaleza e o templo tornam-se símbolos da unidade psíquica e, assim, exercem influência específica sobre o ser humano que entra ou vive naquele lugar.

Foi em 1950, no Maracanã, com as

vitórias do Brasil contra o México, a Iugoslávia, a Suécia e a Espanha, que os brasileiros vibraram numa vivência existencial profunda, num contexto de massa, cantando e vibrando pelo Brasil.

O Maracanã torna-se um mágico espaço, um signo de massa. Para o jogo final contra o Uruguai, "10% da população do Rio no Maracanã, no dia 16 de julho, numa tarde fresca do inverno carioca, a cidade sobe, em festiva procissão, a rampa colossal do Maracanã", narra Armando Nogueira no livro *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar* - em conjunto com João Soares e Roberto Muylaert.

João Soares no texto "1950 era assim: Olé, olé, olé e gol", no livro acima referenciado, assim se expressa sobre os jogos de 1950 no Maracanã: "Para mim aquilo não era um jogo de futebol, era a minha primeira afirmação do Brasil como primeiro em alguma coisa". "Qualquer afirmação de brasilidade lá fora me emocionava, por mais boba que seja". "No final do jogo com o Uruguai na Copa de 50, ainda tenho viva e nítida na lembrança a saída do estádio" "... e aquilo

parecia uma saída de enterro ou de velório ... e era uma sensação de vazio na cidade e dentro da gente." Roberto Muylaert, no texto "1950: uma torcida jamais reunida", escreve:

"O drama futebolístico agora é uma tragédia clássica". "... vi velas acesas em todas as esquinas, mas muitas velas mesmo, dezenas e centenas de velas, o que tornava a cidade do Rio de Janeiro um velório, uma coisa inacreditável. Nunca vi ninguém destacar isso, mas a lembrança das velas para mim é indelével ..."

Assim termina a IV Copa do Mundo com o Maracanã transformando-se em signo de massa e de nação para os brasileiros, em festa pelas vitórias e



Na foto de Ronald Theobaldo, Prêmio Esso de Fotografia de 1977, "Roberto Dinamite", do Vasco, vive seu momento de glória ao entrar em campo

com o "espetaculo dantesco" após a derrota frente ao Uruguai.

Data de 29 de junho de 1958 o primeiro título do Brasil de Campeão Mundial de Futebol pela VI Copa do Mundo, realizada na Suécia.

Ferreira Gullar tece uma crônica "Campeões", assim se expressando: "Era como se cargas de eletricidade (ou o que fosse) me entrassem pelo ouvi-

do numa frequência poderosa e instável que ora me fazia suar frio ora estremecer de expectativa e apreensão. Vivia o drama de quase 60 milhões de brasileiros. Se perdêssemos aquele jogo, haveria suicídios coletivos. O Palácio da Alvorada daria um estalo e cairia em pedaços ..."

"A cidade hoje vai parar e abraçar os seus heróis. Viva o Brasil de Pelé!"

Sagrando-se bicampeão mundial em 1962, no Chile, o sentido de Nação reafirma-se pelo contexto de massa provocado. Vinicius de Moraes com o soneto "O anjo das pernas tortas" e Affonso Romano de Sant'Anna com "Poema para Garrincha", ressaltam Garrincha, metonímica figura de toda a seleção brasileira.

Num só transporte, a multidão contrita

em ato de morte se levanta e grita seu uníssono canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: Gôooooo!

Gol do Brasil!

(Vinicius de Moraes)

Garrincha doravante é ave nacional.

(Affonso Romano de Sant'Anna)

**Ademir de Menezes,
artilheiro da Copa de 50,
com nove gols**



povo brasileiro ... Cimento da nacionalidade. Se o futebol não existisse no Brasil era preciso inventá-lo. E se de um momento para outro sumisse, não sei o que seria de nós. É hoje o grande catalisador da unidade nacional."

Nas zonas de leitura e pela breve síntese aqui apresentada, tanto na direção dos poetas Carlos Drummond de Andrade, Anna Amélia, Gilka Machado, Vinicius de Moraes e Affonso Romano de Sant'Anna, como na ensaística, pela voz dos escritores Gilberto Amado, Mário de Andrade, Jô Soares, Armando Nogueira, Roberto Mulyaert, Ferreira Gullar, Nelson Rodrigues e Tristão de Athayde, são recorrentes nos textos os significantes do jogo de futebol da Seleção Brasileira: "indivíduo, povo, massa, identificação, estádio-Maracanã, herói, emoção, exaltação, grito, gôoooool, unidade, Nação, Brasil."

Tais significantes compõem uma isotopia temática que nos permite afirmar que a literatura brasileira do século XX problematiza a temática do jogo de futebol da Seleção Brasileira, mormente em competições internacionais e Copa do Mundo, como expressão de um fenômeno social que impregna, significativamente, a vida do povo brasileiro. Cria um contexto de massa unindo o Brasil, exacerbando sentimentos de Nação e de felicidade.

A Copa do Mundo é na verdade uma guerra mundial, organizada, transformada simulada, sublimada... Não é a seleção que compete, é o País.

Pelo simulacro da realidade social, imitam a guerra, o desejo de poder; a vitória, a promoção social. Como espetáculo, vivenciam os espectadores momentos de emoções e sentimentos, inclusive da ordem estética, conforme nos diz Pierre Guiraud.

Assim se expressou Mário de Andrade, diante de frustração pela derrota da Seleção Brasileira para a Argentina em 1939: "Eu é que já estava longe, me refugiando na arte. Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!"

E não foi também o que aconteceu agora, no Maracanã, com o jogo Bra-



Pelé, Tostão e Jairzinho comemoram um gol contra a Itália, na Copa do Mundo de 70, no México

sil x Argentina? Diante do espetáculo os espectadores aplaudiam a Argentina. A arte no futebol moveu a torcida brasileira a vivenciar uma emoção estética, diante da frustrante derrota da Seleção Brasileira.

Na Copa da França, com certeza, experimentamos, novamente, a mesma emoção estética, com a derrota

para os anfitriões da última copa do século XX.

O Maracanã tornou-se um espaço mágico, como signo de massa, pois é nele que se dá a grande concentração de brasileiros "lutando, torcendo, vibrando, sofrendo e gritando: *Brasil!*"

É o que nos mostra a literatura brasileira do século XX.

B I B L I O G R A F I A

1) Caillois, Roger. *Les jeux et les hommes: le masque et le vertige*. Paris, Gallimard, 1958.

2) Cannetti, Elias. *Massa e poder*. São Paulo, Melhoramentos, 1983.

3) Cassirer, Ernst. *The Philosophy of symbolic forms*. 1º. Language; 2º. Mythical thought- USA, Virginia, Book Crafters, INC., (s.d.)

4) Coutinho, Edilberto. *Maracanã, adeus: onze histórias de futebol*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

5) Da Matta, Roberto. *O que faz do Brasil Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

6) _____. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

7) Guiraud, Pierre. *A semiologia*; Lisboa, Editorial Presença, 1973.

8) Greimas, A. J. *Semiotique et sciences sociales*. Paris Editions du Seuil, 1976.

9) Henshaw, Richard. *The Encyclopedia of world soccer*. Washington, D. C. New Republic Books, 1979.

10) Jung, Carl G. *O homem e seus símbo-*

los. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1974.

11) Nogueira, Armando; Soares, Jô; Mulyaert, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

12) Rodrigues, Nelson. *A pátria em chuteiras; novas crônicas de futebol*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

13) _____. *À sombra das chuteiras imortais; crônicas de futebol*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

14) Salvador, Pedro Jorge. *O jogo mágico do Brasil no Maracanã*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado na UFRJ, 1995.

15) _____. *Poder e racismo, ideologia de Maracanã - adeus, onze histórias de futebol, de Edilberto Coutinho*, Rio de Janeiro, UFRJ - Dissertação de Mestrado, 1988.

16) Silva, Anazildo Vasconcelos da. *Lírica modernista e percurso literário brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1978.

17) _____. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro, Elo, 1984.